

QUANDO A INDEPENDÊNCIA VEIO! APANHADOS PELA TEIA!

Derneval A. Ferreira*

Maria de Fátima Maia Ribeiro**

Resumo

As narrativas angolanas *Mayombe*, de Pepetela, e *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, são marcadas por uma construção que beira tanto a estética literária quanto o processo histórico no qual estão inseridas. Assim, elas apresentam uma estética plural e suas abordagens principais desdobram-se em tantas outras, permitindo assim negociações de sentido e verdadeiros jogos de polissemia. Foi a partir dessas concepções de análise textual e literária que se pensou em articular este artigo para discutir a problemática do discurso colonialista e anticolonialista como ferramentas necessárias para se compreender melhor a construção libertacionária e autônoma de aspectos relacionados à sociedade angolana na sua formação nacional.

Palavras-Chave: Literatura Angolana. Independência. Pepetela. Boaventura Cardoso.

Abstract

The paper deals with two Angolan narratives *Mayombe* by Pepetela and *Noites de Vigília* by Boaventura Cardoso. They both are marked by the idea that borders with the literary aesthetics and historical process in which they are embedded. That is why they both constitute pluralist aesthetics. Their main perspectives manifest themselves in many others and consequently enable multiple meanings. It is from this textual and literary analysis concepts that this paper aims discussing an issue of colonialist and anticolonialist discursus as a necessary tool for better understanding of libertarian and autonomous construction of some aspects related to Angolan society.

Keywords: Angolan literature. Independence. Pepetela. Boaventura Cardoso.

* Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional (UNEB); doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA); bolsista da FAPESB. E-mail: derneval.f@hotmail.com.

** Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – orientadora. E-mail: fatimari@ufba.br.

A formação de muitos países africanos foi marcada por episódios que foram registrados pelo curso da história e guardados na memória de seu povo. Muitas nações saíram dos espólios do colonialismo secular de dominação para um novo cenário que aparentemente camuflava tais aspectos, mas que ainda se constitui num grande empecilho para o desenvolvimento de algumas nações, inclusive a angolana. As reflexões de Gilroy (2007) acerca das condições dos países africanos pós-independência ajudam a compreender melhor essas ideias, ao tempo em que confirmam a necessidade de se repensar essas questões que não apenas assolam muitos países, como também são pertinentes para que novos discursos sejam reconstruídos, remodelados e modificados. Segundo esse autor,

[...].Os países africanos são ainda explorados e excluídos, mas mudou o modo de sua marginalização. Os padrões distintivos do imperialismo do século XX regrediram. Novas batalhas sobre saúde, tecnologia, ecologia, e em especial a dívida emergiram para expandir e adaptar nossa compreensão dos conflitos políticos coloniais e quicá pós-coloniais. Os países mais ricos do mundo permanecem profundamente divididos a respeito do cancelamento das dívidas contraídas pelos governos africanos (GILROY, 2007, p. 250).

As considerações de Gilroy demonstram que há uma necessidade de ponderar o que se chama de política de descolonização numa era “sem colônias” e de buscar a possibilidade de uma consciência anti-imperialista numa era “sem impérios” (Idem, p. 250). Por isso, é preciso que se confronte os princípios históricos e filosóficos da ideia de libertação e promova uma reavaliação do que se chamou de revolução, principalmente no contexto angolano. Tudo indica que a narrativa *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, apresenta alguns indicativos da situação

angolana pós-independência. Os constantes encontros e desencontros presentes nas falas de Qunito e Saiundo sobre as condições sociais, políticas e econômicas de uma Angola recém formada nação demonstram o quadro caótico em que se encontrava este país e seu povo pós formação nacional.

Parece consenso afirmar que a independência de muitos países africanos não era apenas um desejo de sua população, mas também um acontecimento e um marco histórico necessários para um momento. No caso específico de Angola, vários segmentos sociais manifestaram-se a favor de um ideário de libertação: sejam estudantes, burgueses, pequenos comerciantes, militares, sejam homens comuns, aqueles poucos visibilizados. No entanto, a ambição libertacionária estava relacionada não só ao poder que cada classe social desempenhava, como também aos seus futuros interesses nas esferas de comando, gerenciamentos e organizações. Por isso, questiona-se: a independência angolana correspondeu efetivamente a uma aspiração coletiva de um país reconciliado, com um projeto coeso e partilhado, com um pensamento estratégico nacional com consideráveis índices de desenvolvimento humano?

As literaturas de Pepetela e Boaventura Cardoso conseguem trazer à tona fragmentos da história angolana. No caso de *Mayombe*, de Pepetela, trata-se de uma narrativa que apresenta um recorte de lutas de guerrilha em momentos antecedentes à independência política do país, ao passo que Boaventura Cardoso, em *Noites de Vigília*, também se dedica a pontuar passagens da história de Angola, sendo que o marco temporal é pós-independência. Usando um recurso memorialístico, os personagens revivem os longos anos de guerra civil instaurada pós-constituição nacional, ao tempo em que também

revisam o passado, os momentos difíceis das lutas que envolviam os processos de independência do país. A literatura, nesse aspecto, adquire um papel acusativo de fatos e episódios de um país que foi marcado por lutas e conflitos em grande parte de sua história.

O personagem Sem Medo de Mayombe, ao se expressar diante do Comissário sobre questões de domínio e de poder, comenta que,

— Ora! Vamos tomar o poder e que vamos dizer ao povo? Vamos construir o socialismo. E afinal essa construção levará 30 ou 50 anos. A fim de cinco anos, o povo começará a dizer: mas esse tal socialismo não resolveu este problema e aquele. E será verdade, pois é impossível resolver tais problemas, num país atrasado, em cinco anos. E como reagirão vocês? O povo está a ser agitado por elementos contra-revolucionários! (PEPETELA, 1990, p. 128-129).

Na fala de Sem Medo, parece ressoar uma previsibilidade do que ocorreria no âmbito político, assim que as forças colonialistas fossem substituídas. A mudança de sistema político não garantia os direitos da maior parte da população e o povo continuava demonstrando insatisfação, até porque “[...] esse tal socialismo não resolveu este problema e aquele”. Em outras palavras, a independência se consumaria, mas a nova nação continuaria apanhada pelas mesmas teias.

Observe também como o personagem Saiundo tece comentários sobre a situação política em Angola pós-independência:

[...] meu caro Quinito, essa de querer implantar em Angola um regime comunista, sinceramente..., ai, não era nada comunista?, então o que era?, um regime de opção socialista?, eh, pá, isso era tudo a mesma treta, o vosso objetivo final era mesmo a implantação do comunismo em Angola, de entre

os vários regimes socialistas em África o de Luanda era o mais feroz, talvez só comparável ao da Etiópia no tempo do Menghistu, não era então aqui que se pretendia construir trincheira firme da Revolução em África [...] (CARDOSO, 2012, p. 116-117).

Parece que a história política de Angola vem à tona, por meio do texto literário. O autor não hesita e, corajosamente, denuncia os trâmites da política angolana em um período conflituoso e decisivo para a reconstrução nacional. Os recursos literários referentes aos gêneros de pontuação usados pelo autor como reticências e interrogações parecem produzir um efeito de dúvida, de inquietação, de omissão de algo que poderia se invocar, provocando uma suspensão no pensamento em relação à história de Angola e deixando para o leitor a complementação de sentidos.

As questões que envolvem lutas de libertação e formação nacionais apresentam diferentes graus de complexidades, principalmente a depender do diálogo que se estabelece entre os conceitos, pontos de vista e os diversos lugares e posições que os envolvidos ocupam. Portanto, verifica-se até que ponto as narrativas *Mayombe* e *Noites de Vigília* apresentam um discurso formador de uma consciência política libertacionária ou simplesmente se constituem em narrativas apresentando singular contribuição para a efetiva libertação e reflexão sobre o cenário de guerrilha, precedente à independência política de Angola e ao período posterior à formação nacional, marcado ainda por lutas, guerras e conflitos internos. Essa perspectiva remete às reflexões de Amílcar Cabral sobre o processo de libertação de países africanos. Amílcar Cabral (1970 apud VAMBE; ZEGEYE, 2012) entendia que o colonialismo criara divisões entre os africanos e percebeu que o objetivo da luta é acabar

com a dominação estrangeira das forças produtivas, sendo que a luta nacional, com ênfase na libertação das forças de produção, permitiria aos africanos retomar o caminho ascendente de sua própria cultura. Segundo Cabral, ainda,

[...] a libertação nacional acontece quando e apenas as forças nacionais de produção estão completamente livres de qualquer tipo de dominação estrangeira. A libertação das forças produtivas e, por conseguinte, a capacidade de determinar o modo de produção mais adequado à evolução do povo libertado abrem necessariamente novas perspectivas para o desenvolvimento cultural da sociedade em questão, desenvolvendo a essa sociedade toda a sua capacidade de criar progresso (CABRAL, 1970 apud VAMBE; ZEGEYE, 2012, p. 46).

As considerações de Cabral impulsionam mais uma vez reflexões importantes sobre a independência e sua efetiva consolidação em países africanos, a saber, a nação angolana. Quando se pensou no levante da bandeira de libertação nacional, quais as classes sociais angolanas contribuíram efetivamente na realização de tal feito? Quais os lugares e posições ocupadas pelos iletrados nessa empreitada? E os burgueses também manifestaram apoio e atuaram com fins ao desenvolvimento integral da população? Nunca é demais lembrar que a participação e o desempenho de cada grupo social estão diretamente relacionados a fatores culturais e interesses econômicos. Quando se toma o texto literário como uma voz atuante, representando determinados grupos mais engajados, a arte demonstra estar política e culturalmente mais presente nas entrelinhas do texto. É o que se percebe nos romances analisados de Pepetela e Boaventura Cardoso.

Evidentemente, que, para Pepetela, as condições históricas da década de 1970 favoreciam a criação de um discurso às vezes

revolucionário, subversivo, mas também conflituoso e antagônico devido aos diversos fatores históricos, sociais e culturais que apresentavam oscilações e mudanças constantes. Se ao criar o personagem Teoria com formação europeia que demonstra posicionamentos conflitantes durante a narrativa, o Comandante Sem Medo que exhibe insegurança no comando das tropas guerrilheiras e tantos outros que exprimem tensões e contradições, Pepetela parece instigar pelo viés da denúncia contra o colonialismo do que qualquer tipo de preterida intenção. Se os personagens em sua totalidade não são suficientemente capazes de criar novos modelos de releitura da realidade, distanciando-se do universo colonialista, tentativas e esforços são dispensados a todo o momento em diversos momentos na narrativa, para que esse distanciamento se concretizasse, como ilustra a passagem abaixo:

Sacanas colonialista,
Vão à merda, vão para a vossa terra.
Enquanto estão aqui,
Na terra dos outros,
O patrão está a comer a vossa mulher
Ou irmã, cá nas berças! (PEPETELA, 1990, p. 35).

Em plena mata densa, os guerrilheiros do Mayombe exprimiam a todo momento o ódio e a ira que sentiam contra os colonialistas e desejavam se distanciar deles a qualquer custo. O bilhete deixado por Sem Medo representa um ultimato aos colonizadores portugueses instalados em Angola; além disso, por meio de uma linguagem beirando o populismo, o personagem manifesta ainda o desejo não apenas dele e de seus companheiros, como também de milhares de angolanos de expulsar os oportunistas colonizadores. Ao afirmar “ENQUANTO ESTÃO AQUI, NA TERRA DOS OUTROS”, ele exprime o sentimento de pertença de suas

terras, de seus espaços que foram violentamente invadidos pelos colonizadores. Esse reconhecimento nativista fortalece a ideia de luta, de busca pela liberdade política e pela autonomia cultural.

Se em *Mayombe* ação militar é invocada pelos militantes guerrilheiros como uma saída para a libertação, deixando para o plano secundário a ação política, em *Noites de Vigília* esse tipo de estratégia é questionada, criticada e sujeito à reflexão. O personagem Saiundo, por exemplo, defende uma posição diferente daquela narrada em *Mayombe*. Para ele, é necessário despertar preocupações e ações políticas só, posteriormente, instaurar as ações militares. Dessa forma, pode-se promover uma mudança não só em termos geopolíticos, mas, sobretudo, uma mudança na compreensão histórica, social, cultural e ainda prática e efetiva na construção do nacionalismo e nos valores democráticos, como bem reflete Achile Mbembe (2012, p. 134-135), ao discutir a questão da economia do poder no continente africano: “[...] a valorização do local enquanto forma de “cidadania” local de participação é de “democracia” constitui uma resposta às tentativas de um estado que aspira à onipresença e que pretende gerir todos os aspectos da vida social”.

Discutindo os fundamentos recíprocos da cultura nacional e das lutas de libertação, Fanon (1979) afirma que o domínio colonial fez com que se desarticulasse de modo incisivo a existência cultural do povo subjugado. Segundo o autor,

[...]. A situação colonial determina, em quase totalidade, a cultura nacional. Não há, não poderia haver, cultura nacional, vida cultural nacional, invenções culturais ou transformações culturais nacionais no quadro de um domínio colonial. Aqui e ali surgem às vezes tentativas ousadas de reativar o dinamismo cultural, de reorientar os temas, as formas,

as totalidades. O interesse imediato, palpável, evidentes de tais sobressaltos é nulo (FANON, 1979, p. 198).

Mesmo distanciadas por um lapso temporal, as considerações de Fanon podem ser relacionadas ao contexto literário no qual a obra *Mayombe* enquadra-se. Escrito na década de 1970, o romance de Pepetela nasce ainda sob as veias do colonialismo e sua expressividade é resguardada pelas circunstâncias de um momento histórico marcado por forças antagônicas e contraditórias. Por mais que os ventos coloniais soprassem a favor do apagamento cultural, verificava-se ainda, como o próprio Fanon (1979) afirmava que “aqui e ali surgiam às vezes tentativas ousadas de reativar o dinamismo cultural...”, a fim de preparar uma reconfiguração no cenário, na paisagem social, política e cultural de um país que necessitava de sua constituição nacional.

As formas como são abordadas as temáticas em *Mayombe* e *Noites de Vigília* direcionam mais para uma visão de futuro desejado ou reflete um desejo efetivo de tornar essa visão uma realidade? Nessa perceptiva, Fanon (1979, p. 200) afirma ainda que “[...] a cristalização da consciência nacional vai ao mesmo tempo transbordar os gêneros e os temas literários e criar completamente um novo público”.

Em um texto polêmico e, ao mesmo tempo, instigante, tecendo, inclusive, críticas às categorias marxistas e nacionalistas, Mbembe (2001) reflete sobre processos históricos que repousaria sobre o pensamento africano; a saber: a escravidão, o colonialismo e a *apartheid*. As considerações de Mbembe ajudam a compreender melhor diversas situações de países africanos pós-independência. A sociedade angolana, por exemplo, mesmo pós constituição nacional, não logrou êxitos satisfatórios para a sociedade civil, e os me-

nos favorecidos economicamente, ficaram relegados historicamente. Sobre esse aspecto, Mbembe (2001, p. 74) afirma ainda que,

A ideia da degradação histórica. A escravidão, a colonização e o apartheid são considerados não só como tendo aprisionado o sujeito africano na humilhação, no desenraizamento e no sofrimento indizível, mas também em uma zona de não ser e de morte social caracterizada pela negação da dignidade, pelo profundo dano psíquico e pelos tormentos do exílio.

Por outro lado, é importante pontuar também que a sociedade angolana apresentou algumas mudanças em diversos setores. No entanto, certas configurações passavam apenas por mutações que pouco representavam o desejada maior parte da população. Vale dizer que apesar de a “bandeira” e o “hino terem mudados, pouco isso representou em termos efetivos de conquistas econômicas e de priorização nos campos humanitários, moral e material. Injustiças, desigualdades sociais, apagamento cultural, radicalismo político, dentre tantos outros fatores, faziam com que mudassem os protagonistas, mas as práticas políticas continuavam se não as mesmas, mas com similitudes de outrora. No caso específico de Angola, é possível afirmar que esse país passou de uma situação de densa dominação, marcada pelas forças colonialistas, para uma ilusória liberdade, assinalada por um camuflado modelo que, examinado e refletido ao cerne, sustentava ainda um sistema de dominação. Ou seja, nesse espetáculo de artistas e atores, cenários, coadjuvantes e diretores havia poucos espaços para a manifestação de uma plateia que desejava, incessantemente, participar da reescrita da história, pelo fato de que seu desejo também era transformar-se em atores, sujeitos, atuantes nos episódios subsequentes.

É nessa perspectiva que Ojo-Ade (2006), em seu artigo intitulado “Da descolonização ao neo colonialismo. Ficção franco formada África Ocidental”, tece críticas ao novo modelo de política instaurada em muitos países africanos. Discutindo, nesse mesmo artigo, o papel do escritor, ele afirma que,

[...] Quando a independência veio — conquistada, dada, emprestada, vendida, roubada — muitos ficaram imaginando o que ela significaria. De repente, descobrimos que estávamos dormindo ou sonhando acordados. O inimigo mudou de cor e cada um de nós acordou para as nossas particularidades ou peculiaridades que infelizmente (?) não nos era mais permitido cultivar. Nacionalismo, sem uma nação (OJO-ADE, 2006, p. 253).

Apesar de as considerações de Ojo-Ade estarem mais voltadas para uma visão francófona, podem-se, analogicamente, ser aplicadas no contexto angolano, tomando, inclusive, como base as obras *Mayombe* e *Noites de Vigília*. Por isso, é pertinente afirmar que por mais que fiquem claras as intenções de libertação e subversividade ao domínio colonial, a narrativa de Pepetela não fornece pistas suficientes de uma implantação de uma efetiva democracia e verdadeira consolidação de diário nacionalista. Evidenciam-se mais os combates em si como se eles fossem os principais vetores de forças anti-colonialistas, enquanto que as reais intenções de domínio e poder parecem permanecer camufladas, até porque os diversos sujeitos imaginários que constituem a narrativa e que, ganham conotações quase reais em diversos momentos e diálogos, apresentam pensamentos tencionados nas ideias de determinados grupos políticos que intencionalmente divergiam em alguns aspectos de outros movimentos.

Em relação ao romance *Noites de Vigília*, esse diagnóstico parece tomar outras feições.

Enquanto o personagem Quinito parece agir de forma muito parecida aos guerrilheiros de *Mayombe*, percebendo a violência como o principal veículo de liberdade nacional e desapego às forças colonialistas, o autor contrapõe o diálogo na narrativa, criando o personagem Saiundo que, numa espécie de reavaliação, refaz partes dos acontecimentos por meio de grandes pensamentos e importantes reflexões, mostrando ao leitor outros possíveis diálogos, geradores de outras possíveis leituras sobre a implantação e a verdadeira situação do povo angolano pós a tão almejada libertação.

O texto literário também é requisitado para se entender melhor conflitos sociais, relações de poder e também relações cotidianas. Nesse sentido, tomam-se aqui as narrativas em análise para que possam mostrar como essas tensões e contradições se fizeram presentes na sociedade angolana em períodos marcados por guerras e lutas. Quando se toma, por exemplo, as narrativas *Mayombe* e *Noites de Vigília* para entender melhor certos aspectos históricos, culturais e própria formação nacional angolana, percebe-se, por via de regra, que seus autores adquiriram uma performance e um poder de institucionalizar seus romances como fontes questionáveis de fatores que marcaram historicamente seu país. Temas como luta de libertação anticolonial e reconstrução nacional são recorrentes em muitas narrativas e parecem assinalar processos simultâneos e interdependentes, até porque passam por uma formulação de um projeto que requer um pensamento mais elaborado, cuidadoso e reflexivo e, ao mesmo tempo, denunciativo e crítico.

Discutindo a ficção angolana como um projeto nacional feito de histórias locais, Mata (2007) reconhece a importância de muitos autores na reconstrução identitária,

mas não hesita em mencionar a produção literária de Pepetela como fundamental nos processos interrogativos da história para a compreensão do presente. Nessa perspectiva, Mata (2007, p. 81) afirma que:

Herdeiro da tradição nacionalista (no sentido de construção de uma nação angolana), a obra de Pepetela transmite uma exigência que, num país em que ter esperança é resistir a todo o pessimismo, remete para a inadequação de se pensar o futuro enquanto a memória coletiva da história for impeditiva do passado.

Mesmo que o foco narrativo de *Mayombe* demonstre que a luta armada, a guerrilha e os conflitos sejam a trama maior da narrativa, acredita-se que esse romance escrito mesmo antes da independência de Angola, por meio de uma leitura mais profunda, demonstre indícios de um desejo de uma formação nacional voltada para as reais necessidades da população, já que seu autor defendia a implantação de uma independência que se voltasse para a criação de uma sociedade mais igualitária e não substituísse um poder colonial por outro com feições similares. Se a narrativa consegue provocar essas reflexões em leitores e, simultaneamente, polemiza a luta de libertações nacional, *Noites de Vigília* também indicia fatos implantados e ocorridos pós processo de independência numa perspectiva de denunciar também os conflitos existentes durante as guerras civis.. Nesse aspecto, a leitura de Boaventura Cardoso aproxima-se muito bem das considerações de Ojo-Ade (2006, p. 256) que, ao analisar textos francófonos, afirma:

[...] As massas ainda estão sem voz, sem rosto, depois da independência. A classe média não pode ser a sua voz porque está demasiado ocupada em proteger seus próprios interesses. Além disso, a identidade do inimigo

não é mais a mesma; agora ele tem pele escura e é mais vil e violento do que seu predecessor, mentor e senhor estrangeiro.[...].

Essas considerações trazem à lembrança as reflexões do personagem Saiundo de *Noites de Vigília*, principalmente quando ele lembra que,

(ora que, o Poder Popular... se pensas que me enganas, Quinito, estás enganado. O Poder Popular não era mais que uma organização extremista a mando do MPLA. Hoje o povo é quem mais sofre, apesar de tantas promessas que lhe fizeram no sentido da melhoria das suas condições de vida. Essa de que “o mais importante é resolver os problemas do Povo”, não passa de uma lengalenga (CARDOSO, 2012, p. 82-83).

O pensamento de Saiundo pode ser um mote questionador das relações sociais de dominação. Se a queda das forças colonialistas não foi suficientemente capaz de instaurar um novo modelo político basilar e democrático que contemplasse os valores reais da população e instaurasse uma política voltada para o bem comum, restaurando a memória do passado colonial, convém notar que diversos atores sociais de diversas áreas, inclusive no mundo artístico, cultural e literário, reproduziram e reproduzem esse cenário, seja de forma nítida ou, muitas vezes, impulsionados pelo próprio contexto, como bem afirma o próprio Ojo-Ade (2007, p. 266): “[...] neste meio tempo o escritor, símbolo da liberdade e do compromisso, é apanhado na teia. O dilema prevalece”.

Referências

- CARDOSO, Boaventura. *Noites de Vigília*. São Paulo: Terceira Margem, 2012.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1979.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Edu-

fa, 2008.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: 2001.

GILROY, Paul. *Entre campos: noções, cultura e o fascínio de raça*. Trad. Celia Maria Mirinho de Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007.

MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. In: LEÃO, Ângela Vaz. (Org.) *Contatos e Ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana — O caso Pepetela*. Prefácio de Pepetela e Posfácio de Laura Padilha. Coleção Kunyonga. Luanda: Mayamba Ed., 2010.

MATA, Inocência. *Literatura africana e a crítica pós-colonial*. Luanda, 2007.

MBEMBE, Achille. *África insubmissa*. Cristianismo, poder e estado na sociedade pós-colonial. Edições Pedagogo, 2013.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, n. 1, p. 171-209, 2001.

OJE-ADE, Femi. *Negro: raça e cultura*. Coordenação e tradução Ieda Machado Ribeiro dos Santos. Salvador: EDUFBA, 2006.

OJE-ADE, Femi. *Cultura africana: do velho e do novo; os anos 90*. Disponível em: www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n16_p36.pdf. Acesso em: 17 ago. 2014.

PEPETELA. [Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos]. *Mayombe*. 7. ed. Publicações Dom Quixote, 1980.

VAMBE, Maurice Tanonezvi; ZEGEYE, Abebe. Amílcar Cabral e as vicissitudes da literatura africana. In: LOPES, Carlos. (Org.) *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*. Trad. Roberto Leal/Fundação Amílcar Cabral. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

Recebido em: 16/02/2015
Aprovado em: 29/03/2015